DISCURSOS SOBRE (I)MIGRAÇÃO NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO NO SÉCULO XX

SPEECHES ON (IM)MIGRATION IN THE CONTEXT OF SETTLEMENT IN 20th CENTURY

José Carlos Ziliani[1]

Resumo: Este artigo é uma reflexão sobre a possibilidade de se obter força de trabalho através imigração europeia, visando o desenvolvimento de empreendimentos colonizadores na região leste de Mato Grosso do Sul, nas décadas de 1950 e 1960, por uma companhia colonizadora, a Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso. Naquele período a Companhia era propriedade de um imigrante de origem Tcheca, Jan Antonin Bata, que chegou ao Brasil no início da década de 1940, fugindo da expansão nazista e sob pressão dos aliados do período da Segunda Guerra Mundial. A referência para reflexão aqui neste texto são dois documentos produzidos por Jan A. Bata: Estudos Sobre a Migração de 1951 e Ante-Projeto do núcleo de colonização "Presidente Kennedy" de 1962. Os dois documentos fazem ver as dificuldades de empreendimentos colonizadores particulares em conseguir novos colonos nacionais para vender lotes de terras, buscando desse modo a alternativa de migrantes estrangeiros. Dois empreendimentos colonizadores desenvolvidos pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso no Mato Grosso do Sul resultaram na formação de núcleos urbanos, hoje os municípios de Batayporã e Bataguassu.

Palavras-chave: imigração; colonização; companhia.

Abstract: This article is a reflection about the possibility of obtaining workforce through European immigration, aiming to develop settler projects in eastern Mato Grosso do Sul, in the 1950s and 1960s, by a colonizing company, the Traffic Company São Paulo Mato Grosso. At that time the Company was owned by an immigrant from Czech origin, Jan Antonin Bata, who arrived in Brazil in the early 1940s, fleeing the Nazi expansion and under pressure from the period of the allies of World War II. The reference for reflection here in this text are two documents produced by Jan A. Bata: Studies on Migration, from 1951 and Preliminary Project of the colonization core "President Kennedy", from 1962. Both documents project the difficulties of private settler enterprises in getting new national settlers to sell plots of land, seeking thereby the alternative for foreign migrants. Two settler enterprises developed by Traffic Company São Paulo Mato Grosso in Mato Grosso do Sul statemresulted in the formation of urban centers, today the municipalities of Batayporã and Bataguassu.

Keywords: immigration; colonization; company.

[1] Docente do Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados FCH/UFGD.

Este artigo representa um exercício e uma relação com um objeto de pesquisa mais abrangente, e parte de uma reflexão maior, que nos últimos anos venho desenvolvendo. Antes, parte de projeto de pesquisa institucional com financiamento do FUNDECT/MS e DCH/CPTL/UFMS. Num segundo momento pesquisa que desenvolvi objetivando a preparação de Tese de Doutoramento pelo Programa de Pós-graduação em História na UNESP/ Campus de Assis/SP.

O objeto tomado para reflexão é a colonização contemporânea entre as décadas de 1930 e 1960, priorizando como recorte espacial dois "Oestes": o Oeste do Estado de São Paulo, especificamente a região da Alta Sorocabana e parte do sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, especificamente as áreas compreendidas pelos vales do Rio Pardo e do Rio Ivinhema. Ressalta-se que tais áreas ou regiões estão contidas numa região maior, qual seja a Bacia Platina.

Do ponto de vista geográfico os empreendimentos colonizadores não tiveram no Grande Rio Paraná uma fronteira ou empecilho, muito pelo contrário, atravessaram o Rio Paraná, como parte dos caminhos de ir e vir para pessoas, cargas, projetos. Durante um certo período exploraram o serviço de navegação nos referidos rios, só interrompidos quando das nacionalizações daqueles serviços e setores, considerados como estratégicos e questão de segurança nacional durante o Estado Novo. O elemento central a partir do qual busco referências empíricas é a Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso.

As digreções contidas neste artigo estarão circunscritas a dois documentos. Um deles o *Estudos Sobre a Migração* de autoria de Jan Antonin Bata (1951), o outro o *Ante-Projeto do Núcleo de Colonização Presidente Kennedy*, elaborado por Jan Antonin Bata e por Nelson Verlangieri de Oliveira (1962), além de outros colaboradores. Ambas publicações têm caráter institucional, na medida em que foram publicados pela própria Companhia e tiveram circulação na medida dos seus interesses e estratégias administrativas e gerenciais.

Curioso ou sintomático do período em que é publicado, no ano de 1951, e mesmo pelas circunstancias em que Jan A Bata migra para o Brasil, é que o trabalho *Estudos Sobre a Migração,* nas suas três primeiras páginas endereça-se ao Papa, nos termos de uma carta ao santo Padre Pio XII, agradecendo ao Papa a audiência concedida a ele e à sua esposa no dia 20 de junho de 1951 em Castel Gandolfo, apresentando-se nos seguintes termos:

> Rogo o privilégio de apresentar-me a Vossa Santidade. Sou sapateiro mundial Bata, de origem tchecoslovaca, expatriado por Hitler, condenado pelos comunistas, cidadão do milagroso continente Católico que é o Brasil.

> Antes da Guerra, colonizei, mediante minhas industrias sapateiras, 100.000 famílias operárias em 70 cidades e países do mundo. Creio ter sido dirigido pela vontade de Nosso Senhor para o Brasil, onde meu serviço de colonizador industrial foi trocado pela colonização agrícola. Neste serviço, e a despeito das limitações da guerra, coloquei em minhas terras, nos Estados de São Paulo e Mato Grosso, cerca de 60.000 pessoas em novas aldeias e cidades. (BATA, 1951, p. 2)

Naquela época Jan A Bata já havia sido naturalizado cidadão brasileiro, cujo processo justificou-se como "naturalização por interesse nacional". Entretanto o contexto internacional caracterizava-se desfavorável a ele, por ter sido incluído na "Lista Negra" dos Aliados e condenado pela Tchecoslováquia como inimigo da causa comunista, logo após a inclusão daquele país na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), tendo em decorrência suas empresas nacionalizadas.

Ressalta-se que, nos últimos anos, os descendentes da família Bata no Brasil moveram processos jurídicos e conseguiram a revisão de todos os processos que haviam recaído sobre Jan A Bata e suas empresas, sendo absolvido e provado que os processos fizeram parte de um grande "ardil" internacional para minar as empresas do grupo Bata, o que pode constituir-se em outro projeto de pesquisa.

Não é demais lembrar que naquele período do pós Segunda Guerra Mundial, o contexto internacional era fortemente marcado pelo que se convencionou chamar de Guerra Fria, transformando o mundo em dois blocos de interesses. De um lado os interesses dos países capitalistas, especialmente os ocidentais tendo como maior liderança os Estados Unidos. De outro os interesses dos países comunistas, especialmente os do Leste Europeu tendo como maior liderança a Rússia.

Nesse sentido, as posições de Jan Bata, manifestadas nos trabalhos tomados em referência para este texto, refletem esse contexto internacional e a sua trajetória e participação, quando, em suas palavras diz:

> Odeio a guerra que causou a morte de três dos meus irmãos. Odeio o comunismo, contra o qual lutei com êxito durante 30 anos e que agora tenta deflagrar a terceira guerra mundial. Mas os resultados das duas guerras foram justamente de destruir o espaço vital ocupado, sem formar espaço novo. Tais tentativas trouxeram somente a miséria, a morte, a fome e o caos, além do pior de tudo: o Desespero que fomenta o comunismo. (BATA, 1951, p.1)

No Brasil, os discursos na direção do anticomunismo estava presente em vários segmentos da sociedade, destacando-se a Igreja católica, já antes, desde a década de 1930, em consonância com as práticas discursivas do Estado Novo.

> O agudo anticomunismo, que atendia aos interesses imediatos da igreja enquanto instituição em nível mundial, serviria aqui de eficiente instrumento para denunciar, isolar, desmoralizar o adversário e fornecer ao estado uma legitimidade especial para as suas práticas repressivas. Dos movimentos religiosos de rua do início da década, passando pela atuação da Liga Eleitoral Católica, até 1937, a Igreja cerrou fileiras junto ao poder. (LENHARO, 1986, p.190)

Este Estudo Sobre a Migração, em referência, preocupado com a migração, faz ver objetivamente alguns grupos que seriam então objeto de uma política migratória, aqueles da região de origem de Jan A. Bata - o Leste europeu - que conhecia muito bem, e de onde imaginava ser possível promover uma imigração organizada em direção às regiões consideradas como "lugares vazios", onde a Companhia possuía terras e onde se iniciavam projetos de colonização, como o caso de Bataguassu, Batayporã e logo depois o Núcleo de Colonização Presidente Kennedy, ambos localizados no Sul do Estado de Mato Grosso, este último não se materializou por não ter sido aprovado pelo governo do Estado de Mato Grosso.

Classificando problemas do mundo àquela época, em número de três, dois deles privilegiam a idéia de espaços vazios, afirmando:

> 1. Transferência de 30 ou 50 milhões de seres humanos da Europa para países vazios dentro de 7 anos;
> 2. Civilizar e povoar os países vazios ou pouco povoados de além-mar, nas Américas, etc. (Idem, p. 2)

O documento elenca quais seriam as populações objeto de incentivo às migrações, todos pertencentes ao leste da Europa, e que se encontravam em circunstâncias precárias decorrentes da guerra, e, em seu julgamento, pelas mudanças políticas decorrentes da expansão da União Soviética:

> Os povos católicos da Europa foram, justamente, os mais atingidos pela guerra e pelo comunismo: Tchecoslováquia, Polônia, Hungria, Croácia, Rumânia e Bulgária, Lituânia e Letônia. Tirar os povos destes países do inferno comunista e colocá-los, ao mesmo tempo, nos países católicos de além-mar, é também boa estratégia da Igreja. (BATA, 1951, p. 2)

Fazendo alusão à guerra e relacionando-a com a possibilidade da migração para a colonização, calcula que a morte de cada soldado custou efetivamente "104.000 dólares

(Wolds Almanac 1946)" (BATA, 1951, p. 2), valores desperdiçados e responsáveis pelo empobrecimento das populações européias e de seus países. Esses mesmos 104.000 dólares sob a forma de empréstimos com prazos de pagamento em torno de 15 anos ofereceriam "a possibilidade de providenciar nova vida de abundancia, trabalho na própria fazenda e contentamento como esperança para 104 filhos de Deus, agora sofrendo miséria e desespero na Europa superpovoada" (Idem), alternativa que estava a depender de decisão política de governos interessados.

Entretanto, são conhecidas as dificuldades daquele período histórico para as migrações, dadas as inúmeras restrições que quase todos os países impunham para tal. A título de ilustração, no Brasil desde o Estado Novo e se estendendo para o período subseqüente, o Departamento de Colonização e Imigração exercia um controle periódico sobre as populações dos núcleos coloniais, exigindo listagens nominais a cada seis meses, de todas as companhias de colonização, atento à proporção entre brasileiros e estrangeiros (à base de 75% de colonos nacionais obrigatórios), e de olhos atentos às "pessoas indesejáveis". Normalmente os indesejáveis era uma referência àquelas pessoas com algum envolvimento político, sintomaticamente com movimentos de esquerda, materializados em revoltas e rebeliões camponesas, como por exemplo a Guerrilha de Porecatu, no Estado do Paraná. Seria aqui, de caráter apenas hipotético, afirmar que a questão racial ainda estivesse presente em tais preocupações oficiais, posto que nas décadas iniciais do século XX, as discussões e os debates em torno das "raças" que deveriam ser aceitas como imigrantes dividiam opiniões, sobre tais questões é imprescindível, dentre outros, o trabalho de Alcir Lenharo (1986) *Sacralização da Política.*

Avaliando positivamente a eficácia e os benefícios do empreendimento imigratório e para a vida de cada imigrante,

> [...], empregado na pré-fabricação das novas zonas de colonização agrícola, com estradas de ferro, usinas elétricas, estradas de rodagem, portos e navegação, hospitais e Igrejas, escolas e institutos e na derrubada das matas, loteamento, plantação inicial, casas modernas e de moradia para os novos colonos, que teriam a responsabilidade de pagar o empréstimo durante 15 anos com juros, os próprios capitalistas com isso lucrariam. (BATA, 1951, p. 3)

Voltando a comparar as duas realidades, da Europa com o Brasil, mediadas pela potencialidade da migração, e frente às despesas com os subsídios decorrentes do Plano Marshall para a Europa do pós-guerra, enfatizava que:

> É bem provável que o total para outros países, tais como: Grã-Bretanha, França, Itália, Alemanha, Suíça, Suécia, Holanda, Noruega, Bélgica, Hespanha, Portugal, Áustria, Dinamarca e Irlanda, dispendem pelo menos outros 6 bilhões de dólares por ano na manutenção dos deslocados e desempregados. Verifica-se, pois, que a miséria custa na Europa, hoje, 12 bilhões de dólares, o que poderia ser aplicado em benefício e felicidade das mesmas pessoas deslocadas e para maior entusiasmo do capitalismo, se soubéssemos, nós, os capitalistas de todos os países, dar ao capital em nosso poder a fôrça criadora da felicidade humana através da migração. (BATA, 1951, p. 4)

Analisar o olhar e as posições políticas de Jan Bata para as questões apontadas aqui, remete-nos para uma grande gama de questões, que vão desde o seu anticomunismo militante, e no sentido inverso à defesa incontinente do capitalismo, até a sua concepção de migração. Este artigo não daria conta de questões tão abrangentes e polêmicas. Entretanto, necessárias são algumas ressalvas em retro-visão, como por exemplo: o entendimento de que o período histórico em referência, dos anos 1950 até pelo menos 1970, no que se refere ao aspecto econômico, teve como marca uma das fases de maior prosperidade do capital, de expansão das atividades econômicas em quase todos os setores, levando, por exemplo, à absorção de quase todo o excedente de mão-de-obra no período. Para a realidade da Europa, que Bata aponta, tal progresso econômico gerou em muitos dos países do continente o Estado do "Bem Estar Social", inviabilizando uma política de imigrações para fora da Europa.

Voltando à questão do problema migratório, insiste em que o "Dinamismo da Paz depende da migração" (Bata, 1951, p.7), constituindo-se no próprio ovo de Colombo daqueles tempos, "único caminho para a reconquista da paz e de um futuro promissor, caso contrário será a condução da humanidade ao pânico e a uma situação calamitosa de que ainda não tivemos conhecimento nos últimos 2.000 anos!" (Idem).

Referindo-se à experiência brasileira, as 120 companhias "colonizadoras colocaram em suas terras aproximadamente 700.000 pessoas", e, é baseado neste tipo de colonização que decorre os planos de Bata "para colonizar pelo apoio financeiro capitalista mundial cerca de 5.000.000 de pessoas das quais 30 a 50 milhões 'excedentes' na Europa" (Idem, p.10), para os quais prevê um custo não em despesas, mas sim em empréstimos de 15 anos de prazo para o pagamento e "seria na base de $ 1.000 por pessoa, estando tudo aí incluído". Nesse sentido, anuncia algumas particularidades que seriam pressupostos das formas de realização dos projetos coloniais para o Brasil, ficando subentendido que se tratam das terras da região Sul do Estado de Mato Grosso:

> Se planejamos povoar as terras vazias, temos que estruturá-las em trechos de cidades e distritos, para que a vila ali se apresente segura e aceitável, assim, obtendo o entusiasmo do homem e de toda a sua família. Polícia, médico, escola, Igreja, hospital, transportes, estradas de rodagem, estradas de ferro, água e esgoto, eletricidade, tudo isso são partes da civilização, da qual não seria prudente, nem inteligente, dispensar. Ao contrário, tem que ser preparado de bom grado, antes que lá cheguem as primeiras famílias européias. Tal serviço cabe aos operários locais e nacionais, e isto é a honra dos pioneiros. (BATA, 1951, p. 11)

Cabe aqui a ressalva de que os critérios para os projetos coloniais estavam bem definidos pela legislação brasileira, no Decreto-Lei nº 58, de 10 de dezembro de 1937 que dispunha sobre o loteamento e a venda de terrenos para pagamento em prestações, bem como pelo Decreto nº 2,079, de 15 de setembro de 1938 que regulamentou o Decreto-Lei nº 58. Da mesma forma o Departamento de Colonização e Migração do Governo Federal incumbia-se pela definição de demais normas operatórias. Vale ainda outra ressalva sobre a questão, mas, que não vai aqui ser analisada: a de que a grande maioria daqueles que adquiriram terras devolutas do Estado de Mato Grosso durante o período, passaram ao largo de tal legislação.

No texto em referência*, Estudos Sobre a Migração*, o critério para a formação de núcleos urbanos está pautado na cifra de 10.000 habitantes, como limite, para que as estratégias se desdobrassem em novos projetos para absorver uma possível superação das cifras estabelecidas. Aponta a experiência do núcleo colonizador de Mariápolis no Oeste do Estado de São Paulo. Iniciado em 1944 com 360 habitantes, em 1951 atingiu a cifra limite de 10.000 habitantes, o que elevou "o seu valor para Cr$ 147.500.000,00. Isto, aliás, sem qualquer financiamento aos colonos, que utilizaram os seus parcos recursos, levantando Mariápolis com suas próprias forças". (BATA, 1951, p.14)

A alusão a Mariápolis é feita com o intuito de mostrar que eventuais outras experiências apoiadas por financiamentos teriam muito mais eficiência econômica, e indica a possibilidade de um novo núcleo colonizador em Batápolis (que não se materializou, e realizou-se como Bataguassu), às margens do Rio Paraná e Rio Pardo, demonstrando que em 15 anos do empréstimo, seria possível o seguinte resultado:

> 2.000 pessoas colonizadas terão, pelo pagamento de Cr$ 250.000,00 cada, (prestação e juros), um valor em gado e mobílias de cerca de Cr$ 500.000,00 e, fora deste valor adquirirão, por meios de mobílias e gado e industrias, cerca de Cr$ 600,00 cada um, ou seja Cr$ 1.200.000.000,00, se tomássemos, para isso, o resultado médio possível conforme o cálculo contido neste estudo. (Idem)

Para a possibilidade de realizar tais intentos e planos, Bata pede o auxílio e apoio a várias instâncias, como: ao Papa; ao Governo Nacional Imigrador; às autoridades Internacionais (UNESCO, ONU, Cruz Vermelha); aos governos dos imigrantes; à criação de Bancos de Migração; empresas particulares, e demonstra a viabilidade e lucratividade de cada um deles se investirem na proposta.

No estudo, compara mais uma vez duas possibilidades com custos diferentes. Toma como dados os custos dos imigrantes europeus para cidades grandes, como São Paulo, Santos ou Rio de Janeiro, onde um imigrante custaria de 5 ou 6 dólares, computados meios despendidos para conseguir trabalho, preços de terrenos, materiais de construção, meios de transportes, etc. De outra forma, tendo como destino as áreas de colonização, afirma:

> [...].No mato, o material de construção, ou seja, madeira serrada Cr$ 600,00 o m3 (na cidade Cr$ 1.600,00); telhas Cr$ 800,00 o milheiro (na cidade Cr$ 1.400,00), e assim por diante. A organização numa aglomeração bem organizada fica bem mais barata, cerca de 30 a 40% do que nas cidades. Eis a explicação geral. Além disso, vem o fato de que a vida na cidade pequena ou aglomeração rural, é sempre mais calma, moral mais elevada do que nas grandes cidades, onde reina a animosidade. (BATA, 1951, p. 31)

E, como resultado das experiências já realizadas, avalia como grande o número de colonos que pagou suas dívidas muito antes do prazo estipulado, o que mostrava a viabilidade de tais empreendimentos.

O Núcleo Presidente Kennedy

O Núcleo colonial deveria localizar-se entre os Rios Ivinhema, Paraná e Pardo, mais próximo ao Ivinhema (fig, 01). Atualmente, e muito próximo do núcleo inicial está o município de Taquarussu, e a uns 30 kilômetros do município de Batayporã, no Mato Grosso do Sul.

Dentre os 21 núcleos colonizadores organizados pela Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso, 19 foram no Estado de São Paulo: Prudentina; Regente Feijó; Indiana; Sucuri; Caiabú; Ouro Branco; Boa Esperança D'Oeste; Mariápolis; Vila Alegrete; Mandaguary; Jacaré; Carrapicho; Anhumas; Laranja Doce; Olaria Barrinha; Olaria Bartira; Formoso e Rancharia; Celeste; e Batatuba (Sapaco). 2 no Mato Grosso, Bataguassu e Batayporã, localizados em áreas entre os Rios Pardo e Ivinhema. O último que completaria 22

núcleos, o Presidente Kennedy ficou apenas no projeto, não se materializando por falta de financiamento e de aprovação pelo governo do Estado.

No projeto manifestou-se a preocupação de não se permitir que os agricultores ocupassem, isoladamente, essas últimas reservas de terras virgens e férteis, e de que não repetissem nelas o mesmo sistema de exploração usado pelos seus antepassados, de derrubadas indiscriminadas, do fogo e da agricultura nômade e, no mesmo sentid, evitar que aquelas áreas se transformassem em pastagens.

Porém, os sertanejos que ocupavam aquelas áreas, as exploravam de forma rudimentar e pouco dano causaram ao ambiente "natural", centenas dedicavam-se ao extrativismo da erva mate, sem falar nas populações originárias constituídas majoritariamente pelas etnias Guarani e Caiuá, todos classificados como indolentes, preguiçosos, avessos ao trabalho, incivilizados e bárbaros. Contrariando os pressupostos do projeto, a região passou a ser fortemente marcada pela presença hegemônica da exploração pecuária, até os dias atuais, e toda a madeira foi extraída pelas serrarias e comercializadas nos grandes centros consumidores.

O projeto preconizava a colonização planejada daquelas terras novas, adotando como critério da divisão das terras em pequenos lotes, de tamanho adequado ao trabalho de uma família "pois é essa a forma de promover a reforma agrária no País, sem o dispêndio de volumosos recursos" (BATA; OLIVEIRA, 1962, p. 4).

Em relação aos sítios que seriam vendidos aos colonos, consta que eles estariam equipados com os elementos necessários para a imediata produção, como: casa, paiol, animais de trabalho e de criação, terreno arado, pasto cercado, máquinas agrícolas, etc. Nos primeiros seis meses, seria oferecido um financiamento especial para a alimentação da família do colono antes da primeira colheita.

Sobre as edificações construídas para os colonos, ainda hoje é possível encontrar algumas remanescentes, constituídas por casa e paiol ou tulha, em estado original, nos municípios de Batayporã e Bataguassu, e muito provavelmente também encontráveis na região de Dourados e, que poderiam ser entendidos como Patrimônio Arquitetônico da história da colonização. Questão polêmica, pois ainda perdura a idéia da "Pedra e Cal".

A concepção inicial idealizou a formação de um conjunto agroindustrial na sede do núcleo, que se chamaria cidade Presidente Kennedy, visando aproveitar as matérias primas produzidas nos sítios, minorando o problema do atacadista-atravessador. O conjunto agroindustrial permitiria o aproveitamento integral de todas as madeiras de todos os tipos da

região, que via de regra eram queimadas quando dos desmatamentos. Dessa forma o aproveitamento integral dos recursos florestais se daria através de serraria (via de regra em todo projeto colonial), marcenaria, fábrica de prensados, laminados, compensados e de pasta mecânica para papel, destilação seca de madeira, fabrica de barris e de cabo de ferramentas. Teria ainda, uma olaria para atender a região com tijolos e telhas, unidades de beneficiamento e aproveitamento de produtos agrícolas dos colonos, máquinas de beneficiamento de algodão, indústria de óleo de caroço de algodão, fabrica de laticínios e um pequeno frigorífico.

Em se tratando de infra-estrutura e comunicações, a companhia colonizadora contava como parte da rede de transportes, o atendimento do núcleo com um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana:

> [...], deve ser ressaltado que a Estrada de Ferro Sorocabana está construindo um ramal que, partindo da cidade de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, deverá ir até o Pontal do Rio Paranapanema, na sua foz com o Rio Paraná e daí atravessará este rio em direção às cidades de Dourados e depois Ponta Porá, em Mato Grosso. Este ramal deverá passar dentro das terras a serem colonizadas ou muito perto delas. (BATA; OLIVEIRA, 1962, p. 9)

No que se refere aos aspectos sócio-culturais,

> [...], os colonos gozarão, também, de inúmeros benefícios de natureza social, educacional, recreativa e religiosa que serão oferecidos no centro urbano e nas comunidades distritais, a serem organizadas nas diversas áreas rurais do Núcleo. A assistência técnica e social será estabelecida através de convênios com os órgãos filiados à ABCAR, que já mantém tradição desse serviço no Brasil. Serão instalados nas Comunidades Distritais, equipes extensionistas, constituídos de um agrônomo, um enfermeiro e uma economista-doméstica que visitarão os agricultores e lhes proporcionarão a assistência necessária. (BATA; OLIVEIRA, l962, págs. 6-7)

Buscar-se-ia, ainda, estratégias gerenciais de promoção de desenvolvimento de comunidades rurais, "para promoverem em bases modernas o fortalecimento dos centros comunitários que teriam o papel de ensinarem os habitantes a se unirem racionalmente na execução dos serviços de interesse comum" (Idem, p.7), estando assim afastados os perigos de outros tipos de organizações, como os sindicatos de trabalhadores ou aquilo que, naquela década, provocava ruídos na região Nordeste: as Ligas Camponeses. Mais próximo da região, em Porecatu, no Estado do Paraná, fervilhava também o conhecido Levante dos Posseiros, ou Guerra de Porecatú, movimento estudado por Priori (2011). Ressalta-se que, sob este aspecto, havia uma seleção de candidatos à compra de lotes, com o objetivo de evitar a entrada nos núcleos de colonização de "elementos indesejáveis". E, ainda, apesar de todo esforço de Jan

Bata em promover a imigração européia, a grande maioria dos colonos eram oriundos da região Nordeste do Brasil, o que produziu nos núcleos coloniais de toda a região um processo intenso de trocas culturais, objeto e abordagem que demandam novas e reveladoras pesquisas.

Em relação ao tipo de exploração agropecuária, estavam previstos: para a pecuária, a criação de bovinos para carne e leite, porcos, cabras e aves. Para a agricultura, em todos os planos, estava previsto o cultivo de algaroba como reserva florestal e alimentação suplementar do gado, lavouras de arroz, milho, algodão, mandioca, feijão, abóbora, além de pomar e horta.

Tais planos serviram de referência para os cálculos de capacidade de pagamento dos financiamentos e da compra dos lotes, evidente que colonos oriundos de regiões com hábitos peculiares, introduziram outros cultivos que não vão aqui relacionados, sem contar que, por se tratar de uma região de matas pouco exploradas e muitos rios, a caça e a pesca constituíram-se, em modalidades de alimentação e sobrevivência e em muitos casos para a produção de um excedente da receita dos colonos, dos quais podemos apontar, a extração de mel nativo, couros de onça, queixada ou caititu, elementos estes ainda muito pouco estudados pela historiografia, posto não se incluírem nos grandes ciclos da economia capitalista. Em relatos de história de vida, tomados pela minha pesquisa, é comum colonos pioneiros dizerem terem criado a família, com grande número de filhos, a custa de carne de caça e de peixes.

Avaliando a importância do Núcleo colonizador para a economia da região Sul de Mato Grosso, fizeram a seguinte projeção:

> [...], os colonos farão, com suas produções, um movimento financeiro de cerca de 4.2 bilhões de cruzeiros e as industrias na sede do Núcleo deverão movimentar cerca de 960 milhões de cruzeiros, perfazendo assim um total ponderável para o Estado de Mato Grosso, cuja Renda Interna em 1959 foi calculada pela Equipe da Renda Nacional da Fundação Getúlio Vargas em apenas 12.6 bilhões. (BATA; OLIVEIRA, l962, p.7).

É possível imaginar a preocupação que empreendimentos dessa natureza provocaram nas lideranças locais, como: "os Barbosa Martins" que na época tinham sua maior expressão da região, na figura popularmente conhecida como Gato Preto; e "os Costa Lima" da região de Bataguassu, que poderiam perceber em tais empreendimentos um certo ofuscamento de seu poder. É sabido que quando os núcleos coloniais se transformavam em municípios essas forças locais disputaram ferrenhamente espaços, que muitas das vezes antagonizavam-se com os interesses das Companhias Colonizadoras geralmente constituída por elementos "de fora".

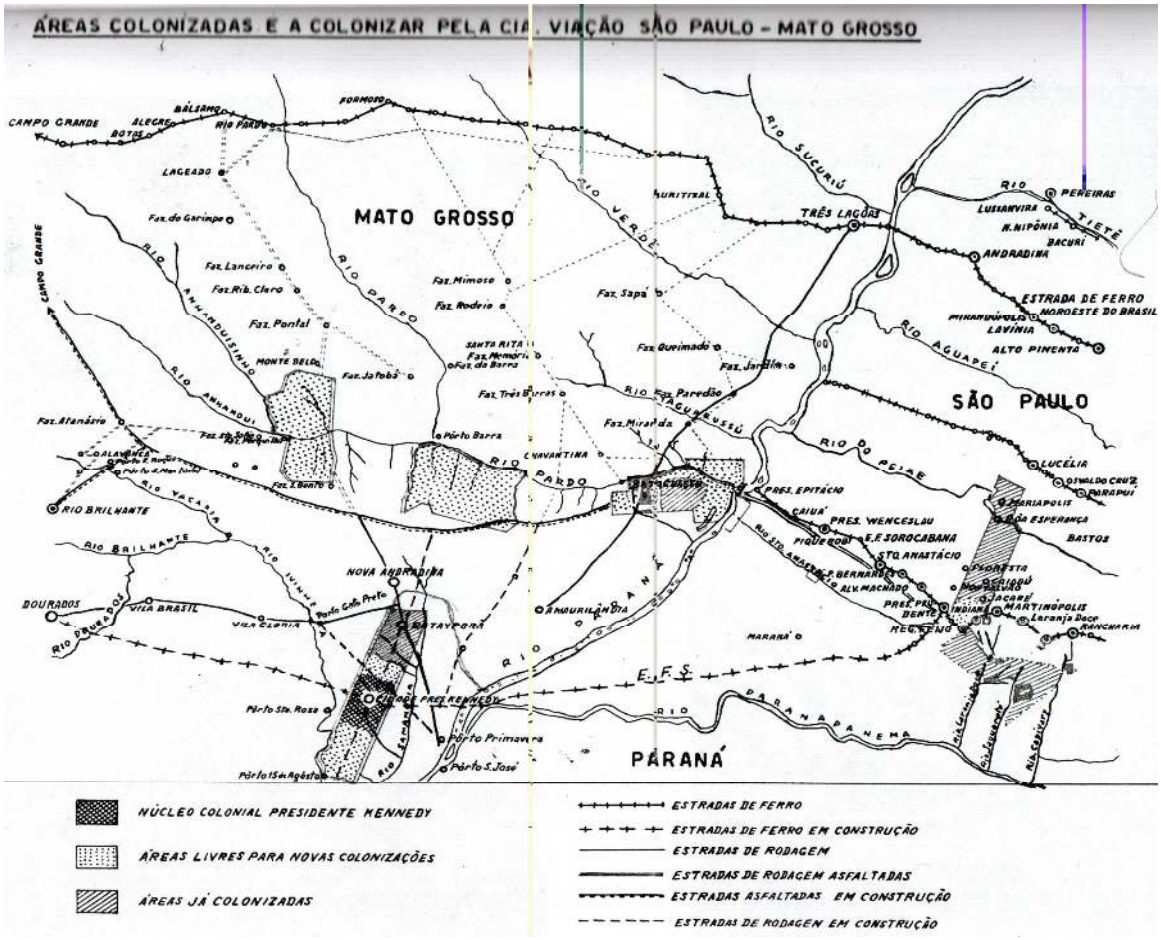
Dentre as muitas companhias colonizadoras, a Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso foi uma das mais antigas, fundada em 1908 por Francisco Tibiriçá e Arthur Diedericksen. Somente em fins 1939 e inicio de 1940 que Jan Antonin Bata assumiu o controle da empresa tendo adquirido todas as cotas da Sociedade Anômima. Em 1949, foi iniciada a colonização de uma gleba no sul de Mato Grosso, resultando na fundação de Bataguassu, que já em 1953 foi elevada à categoria de Município, localizada na região do Porto XV de Novembro, sendo marco inicial das atividades colonizadoras da empresa em Mato Grosso. Nos períodos anteriores a companhia explorava os serviços de navegação no Rio Paraná e seus afluentes, como o Rio Pardo e Rio Ivinhema, mantendo linhas regulares entre seus portos, desde Porto Jupiá até o Porto de Foz do Iguaçu, serviços interrompidos como exploração privada com as nacionalizações durante o Estado Novo.

Em 1953, outro núcleo de colonização foi iniciado na região do Rio Samambaia, afluente do Rio Ivinhema. Em uma área de 20.000 hectares surgiu a vila de Batayporã, mais tarde Município de Batayporã.

Contemporâneos a tais projetos, muitos outros surgiram naquele período histórico, destacando-se a iniciativa do Governo Federal com a criação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), na região da cidade de Dourados.

Dessa forma, com o movimento colonizador que se iniciou naquele período, o perfil histórico da região sul de Mato Grosso passou por profundas transformações, alterando radicalmente as formas de exploração econômica, a densidade demográfica que foi sensivelmente aumentada com a chegada de centenas de imigrantes de varias regiões do Brasil, bem como de outras nacionalidades, no mesmo sentido a mudança na constituição sócio-cultural da população com intensas e profundas interações culturais entre os que chegaram e os que lá já estavam.

Figura 01: Áreas colonizadas e a colonizar pela Cia. Viação São Paulo – Mato Grosso.



Fonte: Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta. Batayporã/MS.

Referências Bibliográficas

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas/SP: Papirus, 1986.

MARTINS, Ismênia de Lima e HECKER, Alexandre (orgs.). E/Imigrações: questões, inquietações. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2013.

PRIORI, Angelo. O levante dos posseiros: a revolta camponesa de Porecatú e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo. Maringá: Eduem, 2011.

Fontes

BATA, Jan Antonin e OLIVEIRA, Nelson V. de. **Ante-Projeto do núcleo de colonização "Presidente Kennedy"**. Estado de Mato Grosso, 1962.

BATA, Jan Antonin. **Estudos sobre a migração**. Batatura/SP: se, 1951.

Estatuto da Terra. São Paulo: Saraiva, 1986.

ARTIGO RECEBIDO EM 05/10/2014
ARTIGO APROVADO EM 20/10/2014